



Os Wapixana, de Roraima, estão sendo espremidos pelos fazendeiros em várias de suas malocas. Expulsos, um grande número deles se uniu na maloca do Moscou e, hoje, essa união representa uma força que impede os latifundiários e a Funai de avançar ainda mais. (Foto Secchi)

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Bernathos*

Class.: 07

Data: *Janeiro-1982*

Pg.: 13

# Wapixana, à luta!

A demarcação das terras indígenas tem sido constantemente prometida e protelada pela Funai. Em exemplo: durante o ano de 81, esse órgão apresentou nada menos que três datas "certas" para o início da demarcação na região da Serra da Lua, território do povo Wapixana, em Roraima. Das três discursadas promessas nenhuma se realizou, favorecendo unicamente a estadia a, garantida, dos fazendeiros.

Esta política de descaso vem provocando em toda a área um grande número de conflitos. E o caso da Maloca do Moscou, onde a Funai é responsável direta dos problemas ali existentes porque conseguiu induzir a pequena comunidade Wapixana do Mariru, tomada por fazendeiros, a se transferir de "casa e mesa" para a maloca dos seus parentes do Moscou, acreditando na promessa de que lá teriam mais garantias de conseguir uma área demarcada. Várias famílias já se transferiram e outras deverão fazê-lo em breve.

Há um porém: a maloca do Moscou (atente para o nome) já tinha há tempos o seu próprio conflito de terra. De um lado está pressionada por um grande fazendeiro e do outro por dois posseiros. Com a chegada dos parentes do Muriru, a população aumentou e aquela pequena e frágil comunidade transformou-se em grande e forte, sendo para os fazendeiros, posseiros e para a própria Funai um sério obstáculo às suas pretensões capitalistas.

Ultimamente, alguns funcionários da Funai chegaram a comentar que é quase certo o não reconhecimento pelo órgão de que esta área seja de domínio indígena. Ainda mais: a Funai, não suportando a presença dos indígenas sob as luzes da Maloca do Moscou, entrevistou violentamente, mudando o nome da maloca para o quinhentismo poético "Recanto da Saudade", muito mais apropriado e condizente a uma política de visitas de fim-de-semana.

Situada também nesta região, próxima ao Tucano (BR-401, ligando Boa Vista-Guiana), está a maloca do Jaboti, que só foi reconhecida oficialmente há dois anos e hoje encontra-se com os conflitos e os desmandos oficiais.

Não faz muito tempo e chegou aquela área o fazendeiro gaúcho Paulo Muratto, que, ignorando a presença dos Wapixana, começou a estender suas cercas, isolando assim a maloca das roças indígenas fazendo um corte vital entre o homem e o seu produto. Em seguida, criou um clima de terror, ameaçando os índios para que saíssem da área, mandando, inclusive, derrubar várias casas. A população diminuiu, é verdade, mas aproximadamente cinquenta famílias resistem às ameaças do fazendeiro, testemunhando o domínio de suas terras em nome dos seus antepassados.

Paulo Muratto, o fazendeiro aventureiro, melindrado ante a coragem dos indígenas, tomou medidas enérgicas: armou os seus capangas e os colocou em lugares estratégicos por todo o cercado, passou o arado nas roças dos índios e jogou a mandiocca do outro lado da cerca, para que fosse "aproveitada".

Ante tudo isso a Funai mantém-se na obscuridade, se fazendo surda, cega e muda, favorecendo cada vez mais a penetração do fazendeiro invasor. Mas apesar dessa caducidade do órgão, cresce entre os povos a solidariedade que vem sendo firmada em encontros, assembléias e mutirões, buscando caminhos viáveis para sua libertação.

A combatividade de um povo mede-se pela resistência e

pelo seu grau de organização. Dessa forma, os Wapixana crescem quando resistem ao invasor, e quando garantem seus direitos sobre a terra. Isso pode ser visto com clareza nos relatos históricos de Emanuele Amodio e Nelson Secchi, agentes pastorais da Diocese de Roraima e responsáveis pelo relatório denunciando a situação do povo Wapixana.

### UMA HISTÓRIA DE COMBATES

O povo Wapixana (também chamado de Wapixana) é um dos maiores grupos indígenas do Território Federal de Roraima. Atualmente conta com cerca de 10 mil pessoas, habitando trinta malocas: vinte localizadas no Brasil e dez na Guiana (ex-inglesa).

A atual área geográfica deste povo vai do médio curso do rio Uraricoera até a floresta guianense (do Oeste a Este), e do Rio Tacutu até as encostas da Serra da Lua. Esta colocação geográfica é fruto seja do impacto com os brancos que escolheram estes lugares como área de primeira colonização (Forte S. Joaquim, 1775), ou seja dos choques anteriores com os Macuxi, que na primeira metade do século XVII invadiram esta região, vindos do Norte. É bem provável que o antigo território Wapixana se estendesse mais ao Norte, quase até a região de Surumu (4º paralelo).

Vencidos pela guerra intertribal, os Wapixana foram obrigados a descer ao Sul, até fixarem morada na área atual. Terminado o período de guerra, os dois povos começaram a desenvolver relações de intercâmbio, que permaneceu, inclusive com a organização de famílias mistas, até a invasão colonizadora dos "brancos".

Lôbo D'Almada, nos seus escritos, noticia a situação desse povo por volta de 1.780-90, na sua "Descrição Relativa ao Rio Branco": "Oapixana, esta nação é a mais numerosa de todas; contam-se lhe até 15 principais, além dos que já têm descido para as povoações do Rio Branco... habitam as serras que decorrem das vertentes do rio Mahú, até as do Parime. Tem por inimigos os Macuxi, os Paravilhano e os Caripuna. Da Nação dos Oapixana há bastante gente nas nossas povoações".

A história do contato dos Wapixana com os "brancos" está contida de movimento de resistência contra os soldados do Forte S. Joaquim. É provável que os Wapixana tenham participado do levante de 1.781 causado pela captura de um grupo de Saprás, por parte dos portugueses, a fim de servir nos povoados dos brancos. O levante atingiu quatro dos cinco povoados dos brancos, conforme descreve Lôbo D'Almada: "assassinaram um cabo de esquadra, seis soldados e um prelo; e depois amotinando as povoações, desertaram todas (as aldeias) quase inteiramente, à exceção da aldeia do Carmo".

No começo do século XIX o processo de "integração" ganha novas formas. Cresce o número de fazendeiros na região e os Wapixana transformam-se em vaqueiros e peões.

### CONFLITOS E MAIS CONFLITOS

Os conflitos culturais são vários, extremamente fortes e o resultado não podia ser outro, senão uma descaracterização cultural. Consequência direta desse processo é a fixação em povoados de "brancos" e, em todo caso, a aparente facilidade em aceitar a cultura da sociedade envolvente.

O pesquisador alemão Kock Grumberg (1.911-12) percebeu este processo, referindo-se à progressiva diminuição dos

Wapixana. No relato de sua primeira viagem, o etnólogo alemão conta da existência de apenas 1.000 indígenas.

Ainda em número fosse inferior ao real, revela uma drástica diminuição do povo entre o século XVI e XX.

Por estas e outras razões o povo Wapixana foi obrigado a abandonar ou esconder-se nas vestes dos brancos, ocultando o que tem de mais sagrado - a cultura. Perdendo-se a memória de cinco sub-grupos dialetais e a própria estrutura de parentesco foi definitivamente colocada em crise. A vinda dos parentes da Guiana deu nova força à reconstrução tribal, reforçando a língua e reafirmando o traço característico do povo.

Isso tudo porque os Wapixana da Guiana não sofreram tanto as mazelas da conquista do "civilizado". Mesmo falando inglês e não o português, para comunicar com os seus irmãos do Brasil tiveram que voltar a falar a língua original.

Atualmente os que habitam o território brasileiro dividem-se em dois grupos geograficamente assim situados: um, localizado na região da Serra da Lua (Leste de Boa Vista), outro, na região do Taiano (Norte do Território).

